22-10-2026

O REESCREVER DOS PASSOS: A PEDAGOGIA DO RECOMEÇO NA UNIDADE SOCIOEDUCATIVA

Carolina Gomes de Jesus

[Doutora PPGeo/ Universidade Federal de Jataí. Grupo Dona Alzira]

Há histórias que começam com um passo em falso e parecem destinadas à margem. São histórias que recebem rótulos antes de receberem escuta e acabam reduzidas a um ato ou processo judicial. Entretanto, ninguém deve ser definido apenas pelo seu pior momento. É nessa perspectiva que A Casa dos Novos Caminhos, de Carolina Gomes de Jesus e Ana Rízia de S. P. Nunes Escobar, apresenta Lucas e convida o leitor a olhar para a adolescência em conflito com a lei para além do ato infracional.

Lucas é um adolescente com sonhos e possibilidades. Sonha em ser mecânico, viajar e ajudar a família. Como tantos jovens, procura reconhecimento, pertencimento e identidade. Aos poucos, porém, as faltas à escola, a convivência nas ruas e a aproximação de grupos que valorizam comportamentos de risco fazem com que seus passos se desviem. A necessidade de ser aceito cria uma falsa sensação de pertencimento, até que suas escolhas o conduzem à intervenção da Justiça da Infância e da Juventude. É nesse momento que pode surgir outro caminho. A chegada ao Centro de Atendimento Socioeducativo (CASER) não representa apenas a interrupção da liberdade; pode ser uma oportunidade para compreender as consequências das escolhas e perceber que ainda existe futuro. Orientada pela educação, pelo cuidado e pela responsabilização, a socioeducação não deve reduzir-se à punição. O SINASE (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo) articula responsabilização, integração social e garantia de direitos, reconhecendo o adolescente como sujeito de direitos em desenvolvimento. Essa compreensão aproxima-se do pensamento de Paulo Freire, para quem a educação se constrói pelo diálogo, pela autonomia e pela esperança. Educar significa acreditar que o ser humano não está definitivamente determinado pelas circunstâncias e que pode transformar-se e modificar sua relação com o mundo. Na experiência socioeducativa, isso significa reconhecer o erro sem transformá-lo em identidade. O adolescente precisa responder pelo que fez, mas não deve ser condenado a ser, para sempre, aquilo que fez. Erik Erikson aponta a adolescência como etapa fundamental para a construção da identidade. O jovem procura compreender quem é e onde pertence. O reconhecimento influencia sua trajetória: se encontra valorização apenas em grupos que incentivam a transgressão, o risco pode tornar-se uma forma equivocada de pertencimento. Adultos que escutam, orientam e acreditam em suas capacidades podem abrir novas possibilidades. Nesse processo, a equipe multiprofissional é essencial. Professores, pedagogos, psicólogos, assistentes sociais, profissionais da saúde e socioeducadores integram uma rede que procura reconstruir vínculos e oferecer novas referências. Antonio Carlos Gomes da Costa, ao desenvolver a ideia da Pedagogia da Presença, destaca a importância do vínculo, da escuta, da confiança e da presença educativa.

Um adulto comprometido pode transmitir ao jovem uma mensagem fundamental: reconhecer o erro não impede reconhecer a pessoa que ele ainda pode se tornar. A presença educativa também se manifesta na rotina da unidade. Organizar os pertences, respeitar horários, estudar e conviver são ações com significado pedagógico: ensinam responsabilidade, disciplina e respeito ao coletivo. Vygotsky destaca a importância das relações sociais e das mediações no desenvolvimento. Aprendemos por meio das relações, da linguagem, da cultura e das experiências compartilhadas; cada profissional pode mediar novas aprendizagens. A educação ocupa lugar privilegiado nesse percurso. Na história de Lucas, o concurso de soletração representa mais do que uma competição. Ao receber o troféu, o adolescente descobre que pode aprender, superar dificuldades e ser reconhecido por suas capacidades. O prêmio simboliza a possibilidade de ser valorizado pelo conhecimento e pela dedicação, não pelo erro. O estudo deixa de ser obrigação e passa a abrir oportunidades. A escola devolve ao adolescente uma pergunta essencial: quem ele pode vir a ser? Entretanto, a trajetória de um adolescente não é construída individualmente. A perspectiva ecológica de Bronfenbrenner ajuda a compreender que a pessoa está inserida em diferentes ambientes e relações família, escola, comunidade, grupos de convivência e instituições que influenciam seu desenvolvimento. Compreender Lucas exige olhar para além do ato infracional e considerar sua história familiar, sua relação com a escola, suas amizades, suas vulnerabilidades e as oportunidades que encontrou ou deixou de encontrar. A saudade da família, característica da privação de liberdade, pode ser dolorosa. Quando acolhida e trabalhada educativamente, porém, pode gerar reflexão. A pergunta deixa de ser apenas "quando vou sair?" e passa a incluir "o que farei diferente quando voltar?". Dessa reflexão pode nascer um projeto de vida. Cursos, oficinas, esportes e acompanhamento escolar e psicológico oferecem ferramentas para imaginar um futuro diferente, fortalecer vínculos e aprender a administrar conflitos. Ressocializar não significa apenas preparar o jovem para sair de uma instituição, mas ajudá-lo a retornar à sociedade com ferramentas para fazer escolhas diferentes. A história de Lucas lembra que consequências e esperança podem coexistir. Responsabilizar não significa desumanizar; educar não significa ignorar o erro; acolher não significa deixar de estabelecer limites. A verdadeira socioeducação talvez esteja nesse equilíbrio: limitar sem humilhar, responsabilizar sem excluir, corrigir sem destruir e educar sem perder a esperança.

A Casa dos Novos Caminhos oferece uma metáfora potente:
um novo caminho não apaga o anterior,
mas permite aprender com ele e escolher outra direção.
Nenhuma história precisa terminar na página do pior erro.
Uma vida não é um único capítulo, e uma identidade não é uma fotografia congelada. Um adolescente não é apenas aquilo que fez.
Enquanto houver educação, presença, escuta, responsabilidade e oportunidades, haverá possibilidade de recomeço.
O erro pode fazer parte da história, mas não precisa ser seu título.
Há páginas em branco, novos passos e um caminho
que pode ser reescrito.

■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog, dos participantes do Fórum Intersindical e do Grupo de Estudos MultiVisat. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.